



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MUNDO DO SAMBA: A PRODUÇÃO DE OUTRAS VELHICES

Adriana Miranda de Castro¹

Fundação Oswaldo Cruz – drikamcastro@gmail.com

Resumo: Encontro “Teresa” no Renascença Clube (RJ), mulher negra, gorda e com, aproximadamente, 70 anos. Profissional de saúde, imediatamente, convido-a a sentar para não correr riscos no ambiente lotado para a roda de samba. Por intuição ou esperteza, ela retruca convocando a autoridade do saber médico: “Não precisa não... Meu médico disse que minhas pernas melhoram muito quando eu venho pra cá”. Assim, escapa do enquadre que lhe ofereço: idosa, logo vulnerável. Ao deslocar-se do regime de produção de verdade sobre a velhice engendrado pela medicalização da vida, me lança num turbilhão: que outros modos de cuidado de si são produzidos por idosas na articulação a outros ethos? Que vidas as senhoras do samba compõem entre suas práticas e o conhecimento científico? Partindo da perspectiva de que práticas sociais instauram relações poder/saber, mergulho no mundo do samba buscando escapar da medicalização, que muitas vezes gera uma vida subjugada pela prescrição de estilos de viver. Interessa-me afirmar que promover saúde é investir na ética da liberdade, potente na (re)criação de si na produção de mundo. Considerando que o mundo do samba emergiu atrelado a modos de pensar e ser, marcados pelo lugar social da população negra pós-abolição da escravidão, por estratégias de sobrevivência de sua cultura e religião e pelo papel de liderança política, cultural, econômica e religiosa das mulheres, notadamente das negras. Entendemos que é um território potente para pensar outras velhices, que não se pretendam eternamente jovens nem se vistam de fragilidade e adoecimento.

Medicalização da vida, envelhecimento, samba, interseccionalidade.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher, Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Introdução

A transformação das noites de samba em território de reflexão emergiu no encontro com uma mulher negra, gorda e com, aproximadamente, 70 anos, no Renascença Clube (RJ). Nosso encontro – entre uma profissional de saúde, especialista em gerontologia, e uma idosa – problematizou o modo com compreendemos a velhice no contemporâneo.

Por um lado, eu a convidei a sentar e “comportada” ouvir a música, sem colocar sua saúde – a priori classificada como frágil, em risco. Por outro, ela se recusou, afirmando: *“Não precisa não, minha filha... Meu médico disse que minhas pernas melhoram muito quando eu venho pra cá”*. Ambas nos remetemos a um regime de enunciação, visibilidade e verdade (Foucault, 1979) engendrado por conhecimentos epidemiológicos, biomédicos e de promoção da saúde para nos colocarmos na cena. No caso dela, adotando como argumento estratégico: *“meu médico disse”*, para fugir do enquadre que lhe ofereci: mulher, idosa e vulnerável.

Interessava-lhe experimentar um território existencial distinto. Ela usou o discurso socialmente validado para escapar sua insistente ação de estandarizar, generalizar e universalizar em prol da saúde e da

longevidade. Assim, subverteu-o, afirmando sua singularidade, seu investimento naquilo que lhe é saudável, que confere bem-estar. Por isso, me deixa e vai para junto da roda de samba, ficando por lá a noite toda.

Nessa direção, as relações de saber-poder que fazem funcionar a medicalização da vida e o envelhecimento não operavam sozinhas em nosso encontro. Quando escolhemos uma roda de samba como espaço de sociabilidade, prazer e/ou resistência, nos conectamos por modos de pensar e experimentar a vida vinculados e veiculados pelo samba.

Considerando que práticas sociais, regimes de enunciação, de visibilidade e de verdade são indissociáveis e se constituem mutuamente, remetendo a um plano de imanência que os suporta e onde podem produzir diferenciações (Castro, 2003), entendemos que o significante “samba” remete a modos de produção de si e de mundo que são potencialmente capaz de tensionar as construções hegemônicas sobre o que é ser velha e o que é cuidado em saúde.

Revisitando os processos de medicalização da vida e de constituição do envelhecimento como preocupação social e colocando em análise alguns elementos da fabricação do mundo do samba, interessa-nos construir um plano analítico que nos permita cartografar as práticas de cuidado de si (Foucault, 2017)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

criadas e experimentadas pelas “tias” do samba.

Metodologia

A partir de uma revisão bibliográfica crítica e não exaustiva, inicialmente, situaremos nosso olhar acerca da medicalização da vida e do envelhecimento no diálogo com a produção de Michel Foucault (2017, 2015, 2014, 2008, 1998, 1988, 1979). Num segundo momento, analisaremos o mundo do samba na perspectiva da interseccionalidade (Hirata, 2014).

Medicalização da vida e envelhecimento bem-sucedido: o sujeito empresário de si

Na modernidade, a vida é tomada como objeto de governo. As estratégias do biopoder operam na crescente quantificação e qualificação da vida, estabelecendo verdades-métricas sobre o funcionamento dos corpos, a realidade econômica da nação, o poder do Estado e o progresso das sociedades. A partir da definição científica do que é a norma, daquilo que dela se afasta e dos modos de gerir essas multiplicidades de ser, se constrói uma série estratégias de intervenção sobre o corpo, a saúde, as formas de se alimentar e de morar e as condições de vida (Foucault, 1988, 2008).

Sob a perspectiva da segurança, trata-se de tomar a população e distribuí-la em curvas

normais para os casos² e riscos sob análise, garantindo uma crescente estratificação (classe, gênero, raça, idade) e, portanto, o delineamento de “normalidades diferenciais” (Foucault, 2008, p.82). É por meio dessa distribuição que se construirá a norma e seu modo de operar na produção de realidades e subjetividades.

Em relação de imanência com os discursos científicos, as estratégias políticas e o capitalismo, emergiram os modos de subjetivação que constituíram o sujeito ocidental moderno. Um sujeito que instado a ser empresário de si mesmo, que é convocado à busca incessante pelo melhor desempenho e performance, a avaliar *on line, on time* os riscos e ser previdente em todos os domínios da vida (Rose, 2013; Dardot e Laval, 2016).

Sob o privilégio das racionalidades liberais e neoliberais, a lógica médico-estatística ou, melhor dizendo, o aparato biomedicina, epidemiologia e promoção da saúde concedeu centralidade à noção de risco. Do uso de *screenings* genéticos às projeções estatísticas de tendências epidemiológicas, passando pela educação em saúde, o discurso medicalizante trabalhou na produção e propagação de “verdades científicas” sobre os sujeitos e seus corpos. Investindo na identificação e na

² A noção de caso emerge na medida em que a partir do cálculo das diferentes probabilidades de contaminação e morte se busca coletivizar os fenômenos individuais, estabelecendo uma distribuição racional e quantificável dos mesmos no interior de uma população (Foucault, 2008).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

proposição de atitudes de prevenção frente aos fatores que potencialmente ameacem a vida e na capacitação dos sujeitos para se autocuidarem, seguindo as prescrições “adequadas” (Caponi, 2016; Dardot e Laval, 2016; Foucault, 1979).

A partir dos anos 80, a gestão da população desloca-se da “*economia do bem-estar*” (Dardot e Laval, 2016, p.284) para tomar indivíduos e população numa dupla acepção – capital humano e encargo social –, avaliando sua contribuição e seu custo para a garantia de competitividade do Estado no cenário da economia global (Dardot e Laval, 2016).

Nessa direção, emerge e se fortalece a “Moderna Promoção da Saúde” (Carvalho, 2005), que afirma a necessidade de políticas sociais e ações intersetoriais que favoreça a vida e a saúde. Porém, se operacionaliza por meio de estratégias privatizantes. Trata-se, hegemonicamente, de investir em “*desenvolver habilidades pessoais para viver a vida*” (Carvalho, 2005, p.61) e da centralidade do autocuidado e da escolha racional por “*estilos de vida saudáveis*” (Carvalho, 2005, p.61).

Na composição “saúde sob risco”/ “estilo de vida” a promoção da saúde transfaz-se em ferramenta de regulação dos corpos e das subjetividades na maximização da responsabilidade individual de fazer-se gerente

da própria vida. Um gerente imerso num processo de customização das práticas e produtos oferecidos para assegurar a “saúde dos sonhos”, “aparência sempre jovem”, “manutenção da vitalidade” e “envelhecimento bem-sucedido” e de feitichização do rótulo de “saudável”, que garante valor social alto aos produtos e serviços disponíveis no mercado (Clarke et al, 2010).

Na produção de uma organização do *socius* marcada pela medicalização da vida e pelo sujeito empresário de si, a idade ganhou importância crescente. Tendo como suporte a materialidade do corpo e os processos biológicos, o dispositivo da idade fez-se extremamente potente na naturalização, essencialização e homogeneização de grupos etários à medida que podia costurar uma série de registros, sentidos e operações dos mais variados domínios culturais, jurídicos, biomédicos, pedagógicos, religiosos (Santos e Lago, 2016; Birman, 2015; Tótorá, 2013; Debert, 2006; Foucault, 1988).

No contemporâneo, a cronologização da vida articulada ao incremento da longevidade e às tecnologias do biopoder parece-nos implicar “multiplicação das idades”. Por um lado, os avanços tecnológicos da biomedicina dilataram as possibilidades de aferir uma idade: pelo condicionamento físico, pela capacidade metabólica, pela fisiologia de cada órgão e/ou pelo tempo de vida médio das



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

células. E, concomitantemente, criaram uma série de tecnologias para “mantermos” a juventude em cada um dos eixos: da programação genética às cirurgias plásticas, passando por toda sorte de fármacos, vitaminas, suplementos, exercícios físicos, dietas, chás etc. Nesse sentido, a cronologia parece que pode ser dobrada, vencida, pelo sujeito que faça a gestão de excelência da sua vida e, portanto, não se torne velho – ou seja, frágil.

Segundo Groisman (2002), a gerontologia enfrenta impasses para se legitimar como campo de saber e intervenção próprios para a velhice à medida que encontra dificuldades na definição mesma de seu objeto e de suas normas. Tal dificuldade tem como efeito a produção de um objeto que ocupa o lugar de imagem-objetivo, o chamado “envelhecimento bem-sucedido”³, aquele de quem conseguiu fazer adequadamente a gestão biopolítica da vida sob a égide da hiperprevenção (Castiel, 2015; Groisman, 2002).

À medida que a máquina saber-poder-subjetivação identifica que os idosos aumentam em número, colocando em risco a segurança do funcionamento global do *socius*, há um problema social a ser alvo do aparato de governo (Castro, 2003). Assim, é

necessário construir um lugar social e arranjos político-econômicos de proteção e cuidado, que tornem essa população menos onerosa. Tornar-se alvo de investimentos, sob a lógica da valorização e da proteção social (com efeitos reais na ampliação da expectativa e da qualidade de vida, mesmo que não para todos), parece irrecusável. Assim, com o argumento central de defesa de uma vida boa, o projeto de normalização da velhice contará com a participação ativa dos sujeitos implicados: idosos e suas famílias. Em pouco tempo de todos, afinal todos aqueles que permanecerem vivos, envelhecerão.

Debert (1999) afirma que o compromisso dos modos de saber-fazer da gerontologia era tornar a velhice uma questão pública e promover o envelhecimento bem-sucedido. Tal processo foi importante no reconhecimento do idoso como sujeito de direitos. Bem como implicou o fortalecimento de um contingente de aposentados com crescente poder econômico e político e, portanto, capaz de ocupar o cenário das disputas sociais (Groisman, 2014).

Simultaneamente, porém, se assistiu à despolitização do debate acerca do envelhecimento na medida em que a produção dos enunciados da “terceira idade” circunscreveu a velhice a um período de autorrealização pessoal, ao consumo de bens e serviços e à saúde (Groisman, 2014).

³ Ver: Teixeira e Neri, 2008.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Alinhando-se ao conceito ampliado de saúde e buscando “*escapar do binômio saúde-doença*” (Groisman, 2014, p. 77), a gerontologia articula-se ao discurso da prevenção das doenças e da promoção da saúde. Portanto, ela engaja-se na medicalização da vida e investe na produção de subjetividades, vinculadas à lógica do sujeito empresário de si, que oscilam entre o velho-frágil (“*loser*”) ou o velho-ativo (“*eternamente jovem*”).

Interessa-nos escapar dessa polarização dicotômica, que coloca o cuidado consigo sob o primado da obediência às prescrições do conhecimento científico, sabedor da verdade sobre como fazer andar a vida, uma vez que a entendemos como paralisante das possibilidades de experimentação da velhice como espaço-tempo de um “*modo de existência implicado*” (Tótora, 2013, p.12).

Mundo do samba: pensando numa perspectiva interseccional

Da emergência do samba como gênero musical aos processos político-econômicos que o fizeram “símbolo da Nação”, passando pela progressiva invisibilização da importância das mulheres na sua existência e continuidade, a análise das relações de saber-poder imanentes ao mundo do samba exige uma leitura articulada do funcionamento dos

mecanismos de hierarquização social no Brasil quanto a raça, classe e gênero.

É, pois, um terreno atravessado por diferentes tensionamentos e contradições, que dizem da população negra na sociedade brasileira, da ação do capital na produção de bens de consumo, do prestígio vinculado às classes sociais de pertencimento, do sexismo e patriarcalismo entranhado nas relações (Werneck, 2007).

No diálogo com Foucault (2014), compreendemos que os sujeitos são efeitos da composição de saberes e poderes que os objetivam e de processos de diferenciação que interrogam os limites. Assim, tomamos a interseccionalidade como conceito-ferramenta, que suporta e opera a analítica das relações de poder-saber pela visibilização dos atravessamentos e articulações das forças de diferenciação/ hierarquização social.

Entendemos, conforme Bairros (1995), que os eixos de diferenciação/ hierarquização social se articulam e reconfiguram mutuamente, compondo um mosaico multidimensional que caracterizará a experiência de ser sujeito em determinado espaço-tempo. Instável, o arranjo dos eixos pode (e deve) ser colocado em análise a fim de inventar subjetividades outras, mais intensivamente comprometidas com práticas de liberdade. É com esse olhar que nos aproximamos do mundo do samba.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O Rio de Janeiro do século XIX tinha influência marcante da cultura africana e um grande afluxo de negros, que buscavam melhores condições de vida. Tal fluxo era marcado por vínculos solidariedade associados ao pertencimento à mesma terra de origem, nação e/ou religião (Velloso, 1990). Dentre as populações escravizadas e seus descendentes, foi a atitude das mulheres negras que assegurava um território de pertencimento, um reconhecimento de si e alguma possibilidade de tradução cultural na relação com a sociedade hegemônica (Werneck, 2007).

A marca matriarcal, gerada pelas violências e desdobramentos da escravidão, trouxe para as classes populares elementos muito distintos daqueles que engendravam as subjetividades e papéis das mulheres sob a lógica da burguesia (Velloso, 1990). Nessa direção, o padrão de feminilidade do século XIX, centrado na figura da mãe protetora e dona de casa amável, passava longe da realidade de trabalho duro das mulheres negras.

Como afirma Davis (2016), em relação às negras nos Estados Unidos: as mulheres negras escravizadas “*tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório*” (p.17). Assim, mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa, seja na casa das famílias brancas,

na lavoura ou no espaço da rua, praças e mercados.

É analisando o trabalho da mulher negra escravizada como mucama, que González (1982) salienta a importância da resistência à opressão que pode ser vista na tradução cultural. Ou seja, na possibilidade de que “*as categorias das culturas africanas*” (p.94) fossem transmitidas ao brasileiro branco, já que eram as “*mães pretas*” (p.93) a cuidar e educar os “*sinhozinhos*”.

Evidente que essa imagem da “mãe preta” como provocadora de heterogênesse, de abertura para desviar-se da captura de discursos e práticas desqualificantes da cultura negra, será atualizada e capturada pelos discursos hegemônicos a fim de manter o *status quo*. Dessa forma, será usada mais tarde na década de 1930 para sustentar os discursos acerca da harmonia e democracia raciais no Brasil.

Entretanto, é o trânsito das mulheres negras nos espaços públicos e o seu trabalho nas casas grandes que fará com que elas consigam arcar com o sustento moral e a subsistência das famílias de comunidades negras (Werneck, 2007). Tão logo a escravidão foi abolida, as mulheres conseguiram mais rapidamente se “enquadrar” às necessidades das casas senhoriais e burguesas, de modo que lhes era possível continuar como



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

referência familiar (Gomes, 2013). Assim, trabalhavam nas “casas de família”, cozinhavam e vendiam quitutes pelas feiras e valiam-se de biscates para garantir a sobrevivência, mesmo que precária dos seus.

Designar “os seus” envolvia aspectos distintos dos vinculados à família nuclear burguesa. A convivência estreita numa rede de proteção e busca de liberdade e sobrevivência altera sentido de parentesco, que falava mais de laços de afeto. Nesse cenário, denominação de “tia” designa essa autoridade feminina, que constrói e sustenta redes informais de lealdade, de conhecimento, de afetos e de organização social, e que, portanto, merece respeito, carinho e admiração. É a casa das “tias” que se faz ponto aglutinador da resistência dos elementos culturais e religiosos negros (Velloso, 1990).

No Rio de Janeiro, era nas casas das “tias”, espalhadas pela chamada “Pequena África”, que a população negra buscava acolhimento e contatos para integrar-se à vida da capital. As casas conjugavam sagrado e profano, público e privado, constituindo-se num território dinâmico de reelaboração das tradições negras. É nelas, sob a influência ética, estética e política das “tias”, que emergirá o samba (Gomes, 2013; Sodré, 1998; Velloso, 1990).

Hilária Batista de Almeida – a Tia Ciata era uma dessas tias, liderança religiosa e

comunitária, que abriu sua casa para uma “*estratégia de resistência musical à cortina de marginalização erguida contra o negro*” (Sodré, 1998, p.15). Uma estratégia com elementos bastante peculiares e que talvez sejam centrais na relevância concedida ao seu nome. Tia Ciata era casada com um médico negro, João Batista da Silva, que “*se tornaria chefe de gabinete do chefe de polícia do governo Wenceslau Brás*” (Sodré, 1998, p.15). Desse modo, sua casa mantinha as tradições negras, sem negar totalmente determinados padrões comportamentais burgueses, assegurando uma respeitabilidade que ultrapassava a cena da Pequena África (Sodré, 1998; Velloso, 1990)

Nesse sentido, Velloso (1990) considera que, ainda que precariamente, já havia entrecruzamento dos elementos culturais, que tensionavam a perspectiva hegemônica que buscava sintonizar a cidade com a modernidade por meio de sua reestruturação urbana à francesa. Bem como Sodré (1998) afirma que o samba se transfaz em ferramenta estratégica na luta pela afirmação do espaço dos negros na vida urbana brasileira uma vez que é da casa de Tia Ciata que saíria a música fundadora do gênero.

Em que pesem as referências ao papel fundamental das “tias” da Pequena África⁴,

⁴ Tais como: Tia Sadata – fundadora do primeiro rancho carioca, o Rancho das Sereias, na Pedra do Sal, Tia Bebiana,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Gomes (2013) chama a atenção que “*raras indicações são encontradas referentes à presença delas no cenário musical*” (p.180). Analisando a historiografia sobre a invenção do samba e, em especial, seu processo de popularização a partir dos anos 30, Gomes (2013) destaca que o reconhecimento das mulheres se dá enquanto “*mantenedoras das festas, realizadas em homenagem aos santos, em encontros com muita comida, música, conversa e trocas culturais*” (p.187). Deixando-as de lado quando se trata de falar de seu papel como sujeitos ativos na manifestação musical propriamente dita: compositoras, pastoras, cantoras, músicas (Gomes, 2013). Esse ponto nos parece importante uma vez que remete à crescente hegemonia dos papéis da mulher como mãe e cuidadora, despolitizando, por exemplo, o espaço de respeito das “tias” e estabelecendo dificuldades nas décadas seguintes para que as mulheres se afirmassem como compositoras e cantoras de samba.

Noutra direção, a construção da capital da República, alinhada ao projeto civilizatório de inspiração europeia, exigia livrar o eixo central da cidade das populações pobres. Com auxílio da racionalidade médica, a fim de garantir a segurança e a saúde da população,

trata-se de impor às classes populares e negros uma migração em direção aos morros e subúrbios (Alemão, 2014; Moreira, 2014).

As mudanças geopolíticas da cidade e a necessidade de um samba propício ao desfile dos cortejos carnavalescos fizeram emergir um “novo samba”. No bairro do Estácio, que à época recebeu as classes populares expulsas do centro pela reforma urbana de Pereira Passos e para onde convergia o transporte público vindo da zona norte da cidade, se reuniam os “Bambas do Estácio”⁵. Enquanto o samba da Pequena África já tinha conquistado determinada aura de respeitabilidade e contava com alguma rede de proteção por suas conexões com as instituições públicas, esse samba urbano, agora chamado de carioca, era “coisa de malandro”. (Lopes e Simas, 2017).

A figura da malandragem, socialmente constituída na década de 1920, é sinônimo de vagabundagem e se relaciona aos estereótipos produzidos acerca da população negra. Os negros que se recusavam a trabalhar com horários rígidos e obrigações definidas, buscando romper com a lógica escravocrata que persistia na República Velha, e que permanecendo desempregados ou

em cuja casa se realizava o concurso dos primeiros ranchos e Tia Perciliana, mãe de João da Baiana, integrante do grupo dos primeiros compositores de samba dentre outras (Lopes e Simas, 2017).

⁵ Integram o grupo dos chamados “Bambas do Estácio”: Ismael Silva, Nilton Bastos, Alcebíades Barcelos (Bide), Rubem Barcelos, Edgar Marcelino dos Passos (Mano Edgar), Francelino Ferreira Godinho, Oswaldo Caetano Vasques (Baiaco), Tibélio dos Santos e Sylvio Fernandes (Brancura). (Lopes e Simas, 2017)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

subempregados, cantavam, compunham e vendiam seus sambas para sobreviver, foram sintetizados na imagem do malandro. No Estácio essa malandragem associava-se à prostituição pela proximidade da zona do mangue frequentada pelos bambas (Lopes e Simas, 2017).

Nessa época, inicia-se, também, a construção de “consolidação dos modelos explicativos patriarcais nas definições das formas culturais negras” (Werneck, 2007, p.53). Assim, vários sambas do período narram as desventuras das “mulheres dos malandros”, mulheres submissas quer fossem recatadas e do lar, quer fossem do mangue. Mulheres que sofrem violência em silêncio, sustentam seus homens sanguessugas e a prole, não se importam com sumiços e farras, a quem se promete uma regeneração jamais alcançada e a quem se acusa por qualquer “desvio” (Oliveira, 2015; Paranhos, 2013; Rocha e Fazenda, 2011).

Entre as décadas de 30 e 40, acontecerá a grande inflexão na produção do mundo do samba uma vez que ele se torna símbolo nacional e o carnaval transforma-se em manifestação “sadia e folclórica” da população.

Incorporar o samba na forma de folclore é operar na construção e propagação do mito da democracia racial, tendo como referência a

produção do sociólogo Gilberto Freyre. Bem como implica a tentativa de despotencializar os movimentos sociais e os discursos da população negra quanto ao racismo, à violência racial e das desigualdades nas relações sociais no país (Werneck, 2007).

Esvaziar os espaços de representatividade da população negra exigiu organizar movimentos de “branqueamento” físico e cultural da população brasileira (Lopes e Simas, 2017). O que acontecerá pelo afastamento de negros e, em especial, de negras do papel de protagonismo na produção e veiculação do samba como mercadoria radiofônica (Werneck, 2007). Assim, trata-se de gravar os sambas com cantores homens, de preferência de pele mais clara, que não ameaçassem o modelo social hegemônico. Trata-se de reconhecer que o samba já estava bastante difundido na capital e tinha “apelo” em outros estados, mas de incorporá-lo cordialmente, sob as reverberações do espírito modernista da geração de 1922, o crescimento da indústria cultural, o barateamento do preço dos aparelhos de rádio e a urgência do Estado Novo em construir um espírito nacionalista que integrasse o país (Alemão, 2014; Moreira, 2014; Sodré, 1998).

Neste processo, ao mesmo tempo, é possível identificar uma estratégia das classes marginalizadas, em especial dos negros, que viram na ocupação do espaço de símbolo



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

nacional a possibilidade de expressar seus anseios e de alcançar alguma aceitação social (Lopes e Simas, 2017). Assim, é num cenário de disputa e tensionamento, de cooptação e resistência, que o samba se torna o gênero musical mais gravado no Brasil e as escolas de samba se consolidam como expressão máxima do carnaval (Sodré, 1998).

As negociações e disputas por espaço e hegemonia produzem, necessariamente, alterações e apagamentos nos regimes de verdade do mundo do samba, em especial: o processo de regeneração do malandro e de desaparecimento do protagonismo da mulher (Werneck, 2007; Lopes e Simas, 2017).

Da Época de Ouro (Lira Neto, 2017) aos nossos dias, o samba ganhou sentidos dos mais variados, articulou-se a lutas de resistência, serviu às tecnologias de poder que objetificam os corpos negros, integrou-se às estruturas da economia capitalista, era (é?!), sinônimo de vadiagem e boemia, garantiu a sobrevivência de muitos artistas, foi banalizado como expressão “folclórica”, acusado de espaço de alienação e domesticação, e acusado de subversão...

Contudo, persistem no mundo do samba marcas importantes de seu berço: na afirmação da cultura e da população negra no cenário urbano, na composição de canções que são provocativas crônicas da vida diária,

na reverência com que designa as senhoras do samba – “tias”, na resistência que se faz em festa, na afirmação da vida pela construção de espaços e experiências coletivas – a roda, a ala, a escola.

Considerações finais

A conversa rápida e banal, ocorrida numa roda de samba, poderia não ser nada além disso. Porém, ela conectou uma profissional de saúde e uma “tia” e explicitou as instituições que as atravessam, marcando seus modos de ser, de pensar e de dizer e, de certa maneira, criando as condições para que a cena disparasse problematizações.

À primeira vista poder-se-ia efetuar uma leitura da situação que apenas ratificasse a pervasividade e a naturalização dos regimes de enunciação, visibilidade e verdade do aparato biomedicina, epidemiologia e promoção da saúde na produção dos territórios existenciais da profissional de saúde e “tia”. No entanto, o jogo de corpo, a malandragem da “tia” fez entrever outras possibilidades de ser velha no mundo e de cuidar da saúde e do bem-estar na articulação com o mundo do samba.

Longe de ser impermeável, o mundo do samba é atravessado pelas contradições e tensionamentos que percorrem o *socius*. Entretanto, marcado pela tradição afro-diaspórica, ele integra música, dança,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

conversas e práticas de produção de conhecimento. Atento, segue fazendo da vida cotidiana assunto e ponto de incidência de suas crônicas-canções. Gregário, continua reunindo em casas, clubes, blocos, rodas, alas, escolas. Inquieto, se mistura e mistura gerações, gêneros, classes e tons de pele (pelo menos até a quarta-feira de cinzas!). Malandro, ele mesmo, sobrevive e se reinventa há um século.

Quando encontro a “tia” no Renascença, sou lançada num turbilhão de imagens: senhoras na Portela preparando as carnes da feijoada de madrugada, o sorriso e o cantar do integrante da Velha Guarda e morador da Mangueira no palco do Gustavo Capanema, o depoimento do integrante do Salgueiro de que o samba lhe tirou a tristeza de uma pneumonia. Nessa direção, entendo que é possível falar que o samba engendra determinados modos de construção de si e de mundo, que potentes na ressignificação de experiências de violência, desigualdade social e discriminação. Logo, potente para pensar a produção de outras velhices, que possam escapar da oposição binária velho-frágil/ velho-ativo pelo investimento na (re)criação de si e de realidades.

Referências bibliográficas

Alemão, J.S. Entre o morro e a cidade: a composição da naturalidade do samba. Rev.

Eletrônica Hist em Reflexão, Dourados, v.8, n.15, jan-jun 2014, p.1-24.

Bairros, L. Nossos feminismos revisitados. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, n.2, jul-dez 1995, p.458-462.

Birman, J. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, 2015, v.22, n.4, p.1267-1282.

Caponi, S. Viver e deixar morrer: biopolítica, risco e gestão das desigualdades. In: Nalli, M; Mansano, SRV (org) Michel Foucault: desdobramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.229-246

Carvalho, S.R. Saúde coletiva e promoção da saúde. Sujeito e mudança. São Paulo: Hucitec, 2005.

Castiel, L.D. O acesso aos Campos Elísios: a promoção da saúde ampliada e as tecnologias de melhoramento em busca da longevidade (e da imortalidade). Saúde Soc., São Paulo, 2015, v.24, n.3, p.1033-1046

Castro, A.M. A equipe como dispositivo de produção da saúde. O caso do Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI/UnATI/UERJ). 2003. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

Clarke, A *et al.* Biomedicalization: Technoscience, Health and Illness and US. Durham, NC: Duke University Press, 2010.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Dardot, P. e Laval, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

Davis, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

Debert, G.G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Lins de Barros, MM. (org) Velhice ou terceira idade? Estudo antropológico sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 4ªed., 2006, p.49-67

Debert, G.G. A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EdUSP/FAPESP; 1999.

Foucault, M. História da Sexualidade III: o cuidado de si. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.

_____. Ditos e Escritos volume IV: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. Ditos e Escritos volume V: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. Segurança, Território, População: curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. Microfísica do Poder. RJ: Graal, 1979.

Gomes, RCS. “Pelo telefone mandaram avisar que se questione essa tal história onde mulher não tá”: a atuação de mulheres musicistas na constituição do samba da Pequena África do Rio de Janeiro no início do século XX”. Per Musi, Belo Horizonte, n.28, 2013, p.176-191.

González, L. A mulher negra na sociedade brasileira. In: Luz, MT. (org.). O Lugar da Mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p.89-105.

Groisman, D. Envelhecimento, direitos sociais e a busca pelo cidadão produtivo. Argumentum, Vitória (ES), v.6, n.1, jan-jun 2014, p.64-79.

Groisman, D. A velhice, entre o normal e o patológico. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.9, n.1, jan-abr 2002, p.61-78.

Hirata, H. Gênero, classe e raça – Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social, Rev. de Sociologia da USP, São Paulo, v.26, n.1, jun.2014, p.61-73.

Lira Neto. Uma história do samba: volume 1 (As origens). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Lopes, N. e Simas, L.A. Dicionário da história social do samba. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

Moreira, N.R. Samba de autoria feminina. Dossiê Expressões Artísticas e Mulheres. Arquivos do CMD, v.2, n.2, jul-dez 2014, p.64-77.

Mussa, A. e Simas, L.A. Samba de enredo: história e arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Oliveira, L.A. As mulheres que fazem o samba: um estudo da personagem feminina nos sambas de Aaulfo Alves (décadas de 1940-50). 2015. Dissertação de Mestrado – Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações.

Paranhos, A. Além das amélias: música popular e relações de gênero sob o “Estado Novo”. ArtCultura, Uberlândia, v.15, n.27, jul-dez 2013, p.133-144.

Rocha, J.G. e Fazenda, S. Ser mulher: no tempo da canção e no tempo social. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades Unigranrio, n.36, 2011, p.12-19.

Rose, N. A política da própria vida - Biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

Santos, D.K. e Lago, M.C.S. O dispositivo da idade, a produção da velhice e regimes de subjetivação: rastreamentos genealógicos.

Psicologia USP, São Paulo, v.27, n.1, 2016, p.133-144.

Sodré, M. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

Teixeira, I.N.D.A. e Neri, A.L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. Psicol.USP, São Paulo, jan-mar 2008, 19(1), p.81-94

Tótora, S. Genealogia da velhice. Revista Ecpolítica, São Paulo, n.6, mai-ago 2013, p.2-18.

Velloso, M.P. As tias baianas tomam conta do pedaço – Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1990, p.207-228.

Werneck, J.P. O samba segundo as Ialodês: Mulheres negras e a cultura midiática. 2007. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.